

## Antiguidades de Armez (concelho de Cintra)

## A Inscrição da Fonte.—Uma lucerna

Armez é um pequenino poyo do concelho de Cintra, distante 2 quilómetros de Montelavar e Pero Pinheiro e um milhar de metros apenas, das Lameiras e da Fervença; estes dois nomes evocam suficientemente a espécie de região em que está situado, na zona central da mais vasta e produtiva exploração de mármore de todo o Portugal.

Em volta das terras citadas estende-se a enorme baixa formada entre a Serra de Cintra e a série circular doutras serras, que, começando no Sabugo e Olela, vão prolongar-se, concelho de Mafra fora, até perto do mar. Por toda essa chã as pedreiras descarnaram o corpo da terra e edificios e solo apresentam um aspecto duro e desolado. Contudo essa mesma abundância de pedra, para tudo bastante utilizada, tornou a região uma daquelas que parecem fadadas para a conservação dos monumentos antigos e são consequentemente um precioso campo de colheita para os arqueólogos.

Quando, por informação dum dos trabalhadores que andavam na exploração que realizei em Vila Verde (Cintra) em 1912, eu soube da existência de *uma pedra com letras* na fonte de Armez e me decidi a demandar o lugarejo, os terrenos que tive de atravessar fizeram-me compreender perfeitamente a razão da abundância de inscrições que se encontram no *Corpus*, desta zona. Para alcançar a povoação atravessei na Fervença uma série de pequenas colinas formadas pelos rebotalhos amontoados pela exploração multiseccular das pedreiras; se tivesse abordado Armez pelo lado das Lameiras ter-me-ia acontecido o mesmo. As pedreiras florescem aqui um pouco por toda a parte. Desde as abas da Serra da Lua, pela Granja, Morelino, Várzea, Vila Verde, Ligeira, Fervença, Lameiras, Montelavar e Pero Pinheiro, podiam traçar-se os limites duma grande mancha que apanharia quasi toda a área dos melhores mármore de concelho de Cintra; só ficariam de fora as terras compreendidas entre Cintra e Lisboa, cujos mármore são de qualidades inferiores e portanto menos procurados.

Nalgumas das terras apontadas a exploração da pedra faz-se desde o tempo dos romanos. As belas inscrições encontradas em Lisboa e nos actuais concelhos de Oeiras, Cintra, Cascais, Mafra e Torres Vedras, lavradas nesse suave lioz rosado especial à Fervença e às Lameiras, bastam para no-lo provar.

Essas pedreiras romanas concorreram decerto para uma maior riqueza da região e maior desenvolvimento da população, tal como hoje sucede. Daí o encontrarem-se nesta área tantos e tam importantes vestígios da época. Basta citar, com inscrições e restos de monumentos, Cintra, a povoação e as abas da serra, Colares, Almoçageme, Mucifal, Nafarros, Várzea, Mourelinho, Lourel, Vila Verde, Janas, Fontanelas, Faião, Odrinhas, Armez, Lameiras, Montelavar, etc., e a quasi certeza da existência de três santuários, em Colares, em S. Mamede de Janas e em Odrinhas.

A tudo terei ocasião de referir-me quando tratar da arqueologia romana no concelho de Cintra; por agora basta notar que não há perto de Lisboa outra zona onde tam visivelmente se reconheça a camada romana da civilização, facto tanto mais para admirar quanto é tristemente certo que desde a nossa capital até esse concelhó es-casseiam os documentos do género.

Armez é um agregado de casebres deitados numa encosta branda, em ar de abandonados.

É evidentemente um lugar que morre, apesar da insistência vaidosa com que todos os habitantes me referiram a sua illustre descendência dos *cidadãos de Aramenha*, cidade antiga que fôra ali mesmo onde eu me achava, no próprio sítio onde elles moravam. Até um acrescentou mesmo a informação preciosa de que nos livros dos impostos era sob o título de pertencentes à cidade de Aramenha que figuravam as terras do lugar.

A primeira cousa antiga que notei foi uma bela pedra que serve de banco à porta duma casa, na qual pude distinguir apesar de invertida um pedestal de estátua ou de grande ara, perfeitamente semelhante à que existe sob o pórtico de entrada para o Museu Etnológico, na extrema esquerda; a seguir, pelos muros das casas e dos cerrados, deparei com vários troços doutras pedras antigas lavradas. Uma mulher informou-me que existira no lugar além do letreiro da fonte uma outra pedra com letras, uma pia, que havia sido levada pouco tempo antes para o Adufação, lugarejo próximo.

Deve ser a que vem no *Corpus*, sob o n.º 273<sup>1</sup>:

APRONIA · L · F · MAELIA · H · S · E ·

Decerto a irei encontrar intacta, visto que em regiões onde a pedra é tanta não tem o povo necessidade de destruir uma que tenha letras, cousa sempre digna de respeito para gente rude.

<sup>1</sup> *Corpus Insc. Lat.* 2.º p. 32.

Dirigi-me para a fonte, causa originária e principal da minha excursão.

Fica ela fora do povo, a uns 100 metros para nordeste, no talvegue dum valeiro pouco profundo que corta ao meio duas largas colinas. Está numa escavação quadrangular, profunda de 3 metros, larga outro tanto, comprida mais meio metro, com paredes regulares argamassadas. Desce-se para o depósito, que fica encostado à parede sul do fôssco, por uma escada de 13 degraus de pedra, cavados na parede; êsse depósito é rectangular, semelhante a uma caixa de pedra aberta para o lado onde se recolhe a água. A tampa, representada por uma larga mesa de 2<sup>m</sup>,10 de comprimento por 1<sup>m</sup>,50 de largura, agüenta a parede sul do fôssco, e tem gravada na face que fica ao nível da mesma parede uma inscrição com letras de 0<sup>m</sup>,15 de altura, perfeitas e bem cavadas.

L · IVLIVS · MAELO · CAVD̄C · FLAM · DVI · A/G

Esta inscrição encontra-se a p. 31 do *Corpus*<sup>1</sup>, sob o n.º 260, e designada por estas palavras de Resende: «juncto da fonte de Armez, uma mesa grande e muy larga com letras mais de médio palmo».



A fonte de Armez

Levy Jordão<sup>2</sup> transcreve-a com várias incorrecções. Hübner lê-a: *Lúcio Júlio Maelo, caudic(arius) flam(en) divi Aug(usti)*, e a sua opinião é suficiente para nos esclarecer a êsse respeito.

<sup>1</sup> *Corpus Insc. Lat.*, II, p. 32.

<sup>2</sup> *Portugaliae Insc. Rom.*, p. 39, n.º 112.

Há contudo pequenas diferenças entre a inscrição que vem no *Corpus* e a que se encontra na pedra; assim, os As não são cortados, e dentro do último G encontra-se incluído um pequeno i. Os D, O e C são larguíssimos, desproporcionados, característico do séc. I.

A pedra onde se encontra esta inscrição faz hoje parte integrante da fonte, apesar dos autores antigos, que se lhe referem, apenas a dizerem «*juxta fontem de Armez*». ¿Aconteceria isto sempre? A forma da lápide, junta ao teor da inscrição, leva-me a acreditar em tal.

Lúcio Maelo, *flamen caudicarius*<sup>1</sup> do divino Augusto, porventura habitante de Olísipo e possuidor duma quinta no lugar de Armez, fez construir, para utilidade do povo, uma fonte em que deixou assinalados os seus nomes e títulos honoríficos. Não vejo outra utilidade à pedra, senão a de indicar o benefício e louvar o doador. A Maelia da outra inscrição que se encontrava até há pouco no lugar, era decerto uma parenta muito chegada do *flamen caudicarius*.

Quando me retirava da fonte, uma mulher indicou-me que no alto da povoação, onde chamam *Eira pedrinha*, se tinham encontrado em tempos tejos grossos e pedrinhas miúdas. Decerto um pavimento de mosaico casualmente descoberto deu ao local um nome genérico, que já nos aparece perto de Conimbriga e em outros pontos.

Pelos arredores encontram-se vários terrenos qualificados *dos mouros*: a cidade de Aramenha, para baixo de Armez; a Moura, vasto campo juncado de tejos junto a Montelavar; e, no caminho do Penedo das Lameiras, um cabeço que já deu uma inscrição para o *Corpus*.

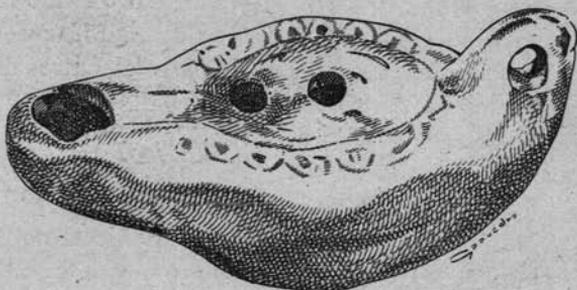
Outra mulher explicou também como seu marido descobrira, havia mais de 20 anos, numa surriba no sítio da Torre (a oeste do lugar), uma candeia de barro enterrada a mais de 1 metro. Adquiri essa candeia, uma lucerna de barro vermelho, grosseiro, interessante por causa da raridade com que objectos-de tal espécie se mostram para o norte do Tejo. Efectivamente as lucernas só aparecem com abundância nas regiões *transtaganas*, onde a civilização romana se manifesta fortemente. De uma centena de *lucernae* que o Museu Etnológico possui, metade provém do Algarve, as restantes quasi todas do Alentejo e de Tróia.

Entre as candeias romanas achadas em Portugal notam-se à primeira vista diferenças profundas, no barro, nas formas e na orna-

<sup>1</sup> Sobre Lúcio Maelo, vid. *Religiões da Lusitania*, III, p. 318, 321, e nota 2.<sup>a</sup> da mesma página.

mentação. Estudando-as cronologicamente, aparece-nos primeiro um tipo de *lucerna* sem asa, de recipiente circular e bico (*rostrum*) saliente, sobre duas pequenas e elegantes volutas; estas candeias remontam ao século I e são, na sua maioria, de importação. A este tipo segue-se um segundo, de recipiente igualmente circular, mas em que o bico, em vez de ser agudo, se alonga e alarga, modificando o aspecto primitivo, mais gracioso, e em que aparece uma asa aneliforme em posição oposta ao *rostrum*, para melhor preensão do objecto. Emfim vem as lucernas chamadas cristãs, mais alongadas, com uma pequena pega cónica substituindo a asa, e recipiente resvalando para a oval.

As do primeiro e segundo tipo são geralmente de barros muito finos e cores diversas; as do terceiro são sempre de barro vermelho e assuntos cristãos nos ornatos.



Lucerna romana de Armez (Cintra) — Tamanho natural.

Claro está que os ceramistas indígenas logo de princípio trataram de copiar as candeias romanas, e é por isso que junto com estes tipos se encontram outros derivados, mais grosseiros no fabrico e na ornamentação. A esta última categoria de objectos pertence a *lychnus* de que me ocupo. É de pasta vermelha, de cozedura vulgar, asa pequena mal furada e tampa atravessada por dois orificios na mesma linha do buraco maior do *rostrum*. Na orla da tampa há uma facha ornamentada com óvulos ou círculos concêntricos meio apagados, interrompida por um pequeno canal que vai do orificio grande ao primeiro menor. Atravessada entre os dois orificios, notam-se vestígios duma figura, que, pela posição e pelo que tenho visto em outros objectos da mesma espécie, deve ser um cão ou um leão.

Pelo exame detido do objecto, muito bem conservado, em que o orificio do *rostrum* se acha ainda ennegrecido como se a torcida (*ellychnium*) acabasse de se consumir, posso concluir verosimilmente que se trata duma lucerna de fabrico indígena dos arredores de Lisboa, pertencente ao século III da nossa era, talvez de Mafra, que não

fica longe e foi sempre grande centro de produção cerâmica. O exame dalgumas moedas encontradas na mesma surribo que a trouxe à luz, marcaria a data mais aproximadamente do que eu o faço; infelizmente perderam-se, como se perde tudo neste país... e nos outros.

Dezembro, 1912.

VERGÍLIO CORREIA.

### Instrumentos preistóricos da África Portuguesa

O illustre geólogo o Sr. P. Choffat teve a bondade de me chamar a atenção para alguns objectos preistóricos da nossa África existentes no Museu da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Lisboa, e instigou-me a dar noticia deles n-*O Archeologo*, para o que me ofereceu as fotografias e desenhos cujas gravuras aqui se reproduzem.

Estes objectos provêm, uns da África Occidental, outros da Oriental.

A) Dois objectos da África Occidental:

1. Lança de *silex* de 0<sup>m</sup>,266 de comprido, que appareceu em Qui-fangondo (Loanda), numa furna descoberta pela abertura da trincheira do caminho de ferro, próximo desta vila, — como se diz no rótulo que acompanha o objecto no Museu. No mesmo rótulo se lê também o seguinte: «Encontrada na posição vertical, entre barros e gesso, à altura de 4 metros, sobre o leito da via. Colheita e oferta do Tenente-Coronel Teixeira de Moraes». Esta lança, como consta das figs. 1 (vista total: um quarto do tamanho



Fig. 1

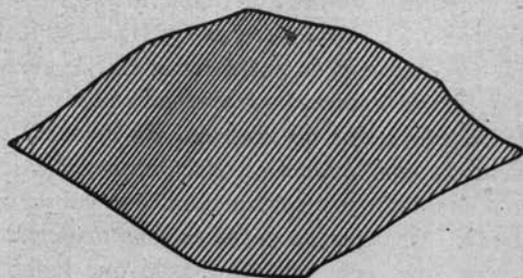


Fig. 2

natural) e 2 (secção: tamanho natural), é magnífica: está talhada nas duas faces, e retocada nos bordos; os retoques formam ziguezagues, como habitualmente. Ainda que não ousarei dizer que ela date da época paleolítica, devo porêr notar que se assemelha aos instrumentos que na Europa se chamam do «tipo de Solutré», o que contrasta com